

モラエス通り

JOSÉ BÉRTOLO

Moraesu St.
JOSÉ BÉRTOLO

モラエス通り





D O C U M E N T A

Moraesu St.

JOSÉ BÉRTOLO

Para a Maria

Whatever mortal man inhales that atmosphere, he takes into his blood the thrilling of these spirits; and they change the sense within him — reshaping his notions of Space and Time — so that he can see only as they used to see, and feel only as they used to feel, and think only as they used to think.

Lafcadio Hearn, *Horai*

自分の
必らず
持帰りましょ



































四十四年十一月

父其年七十六











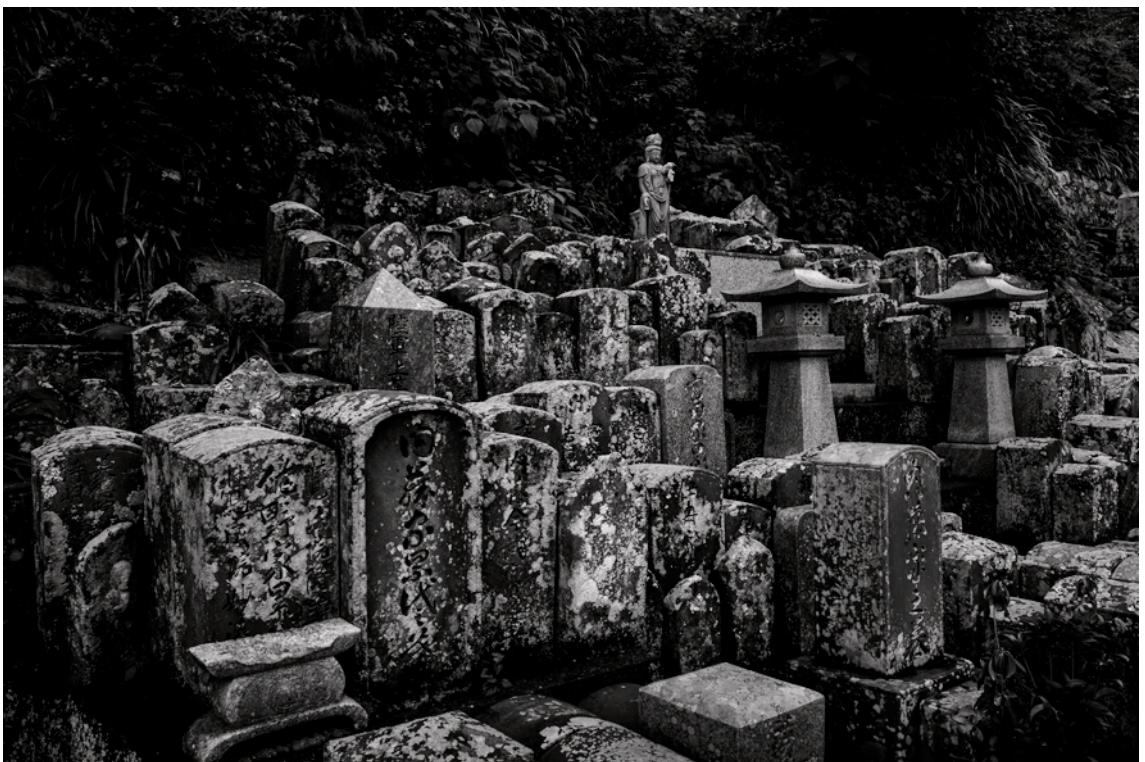




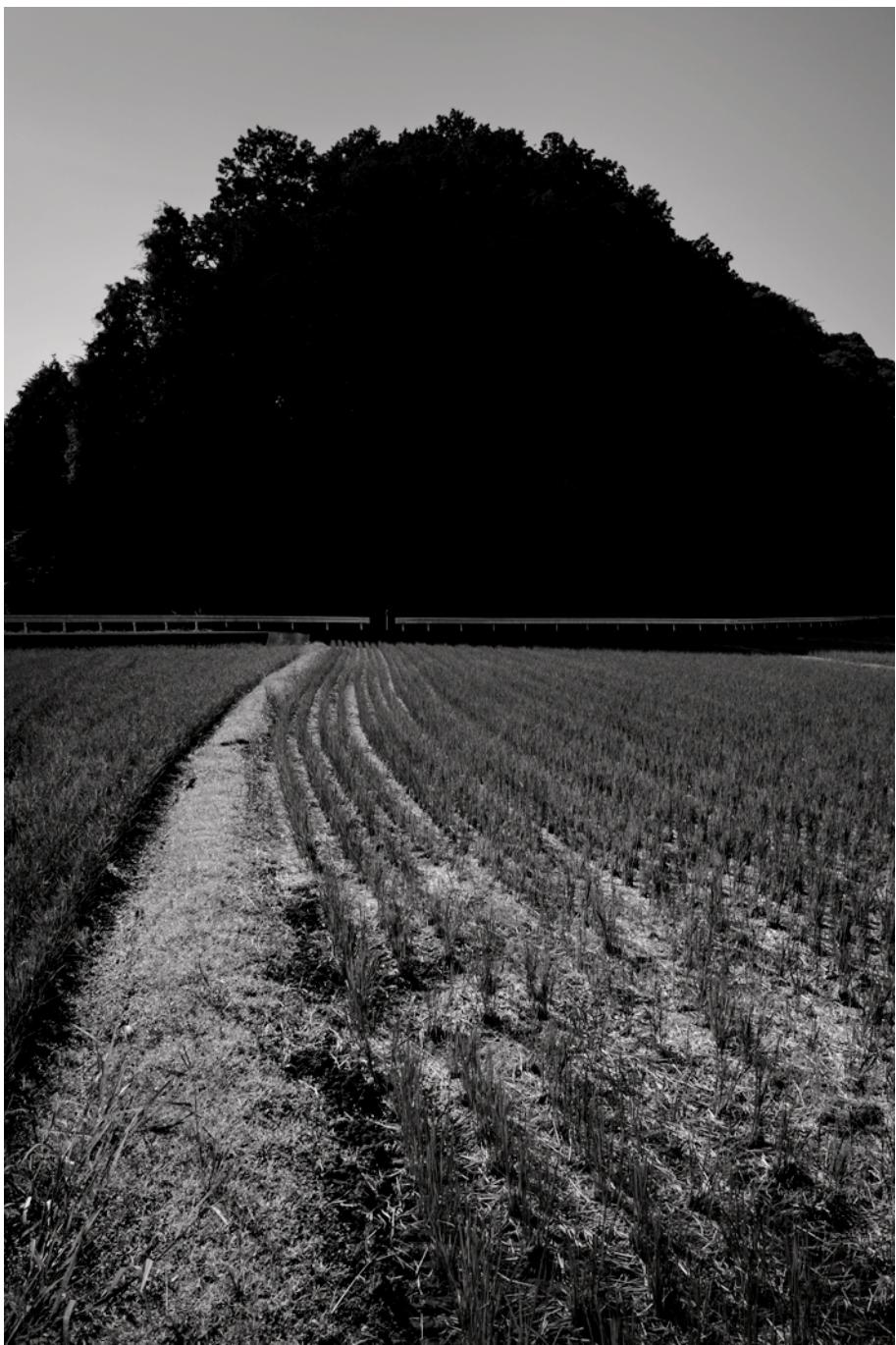




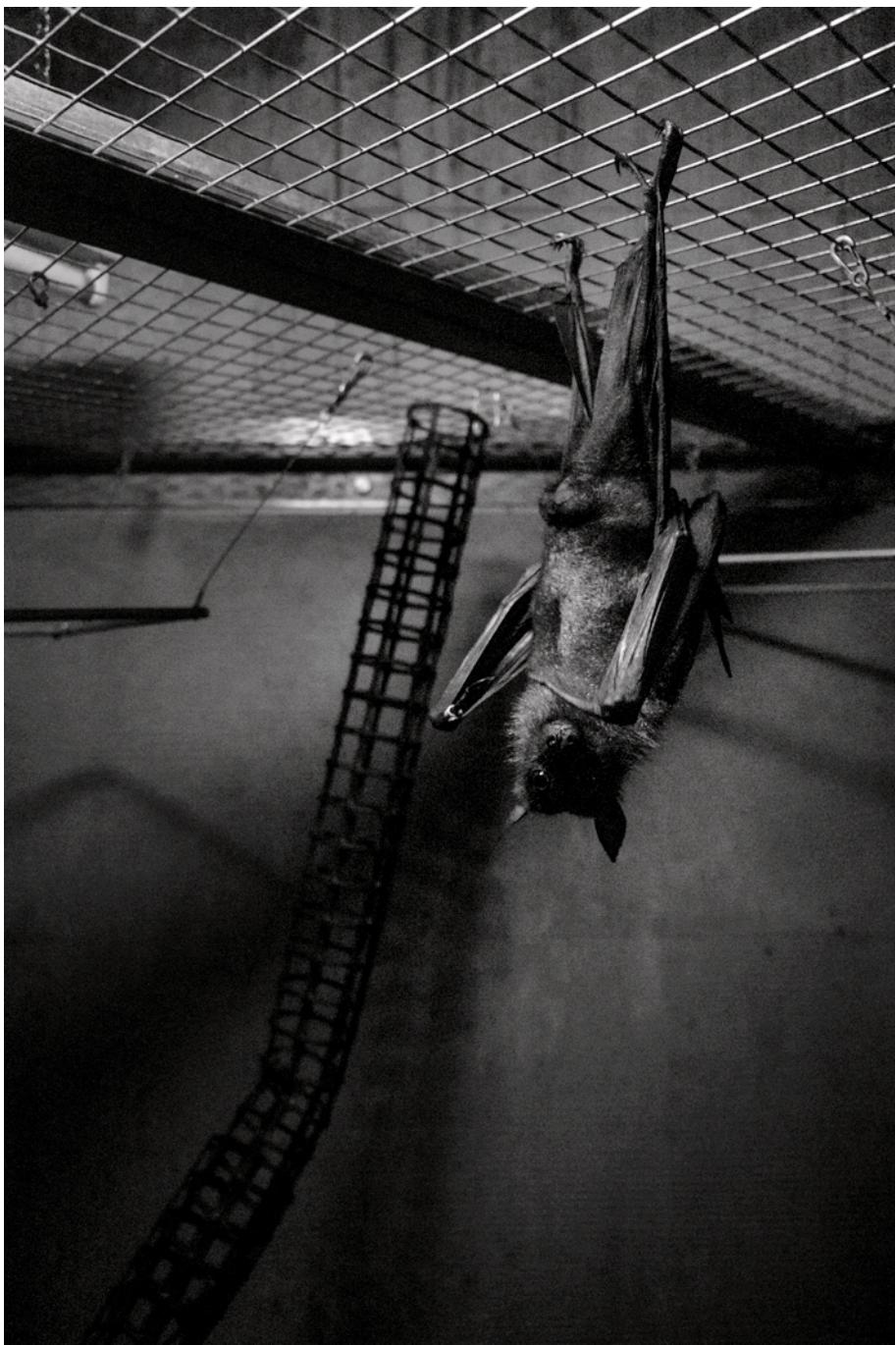




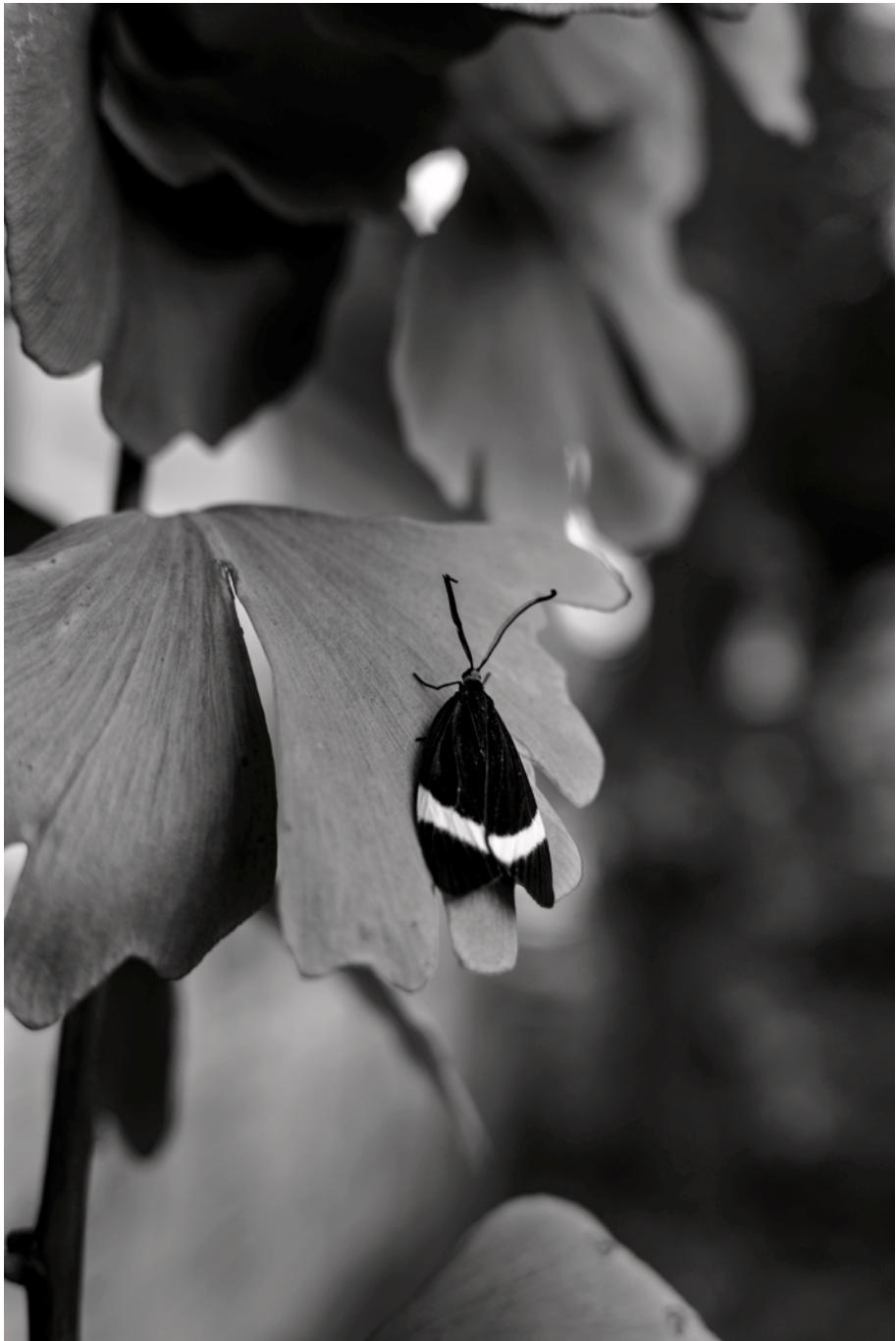


















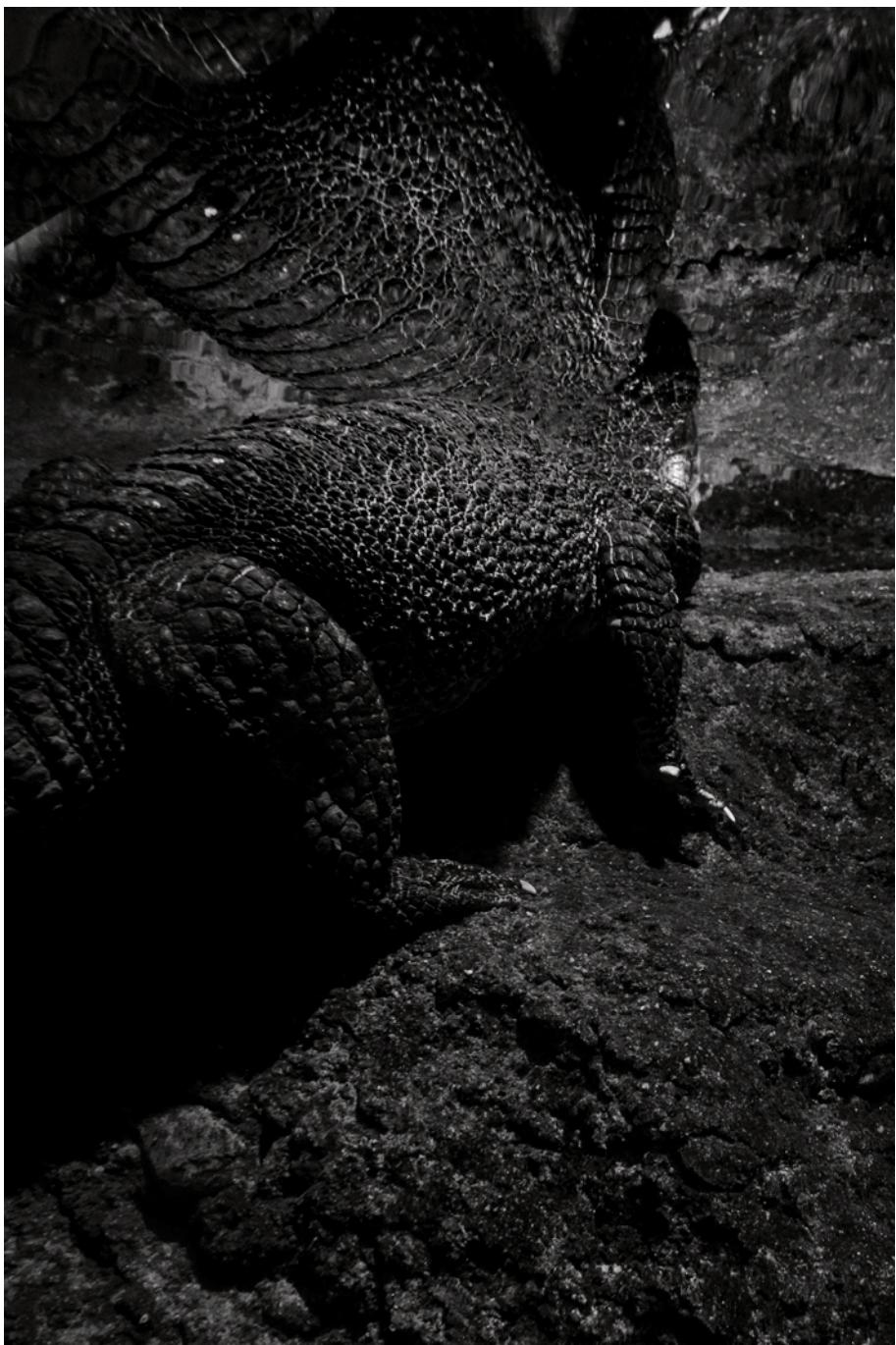








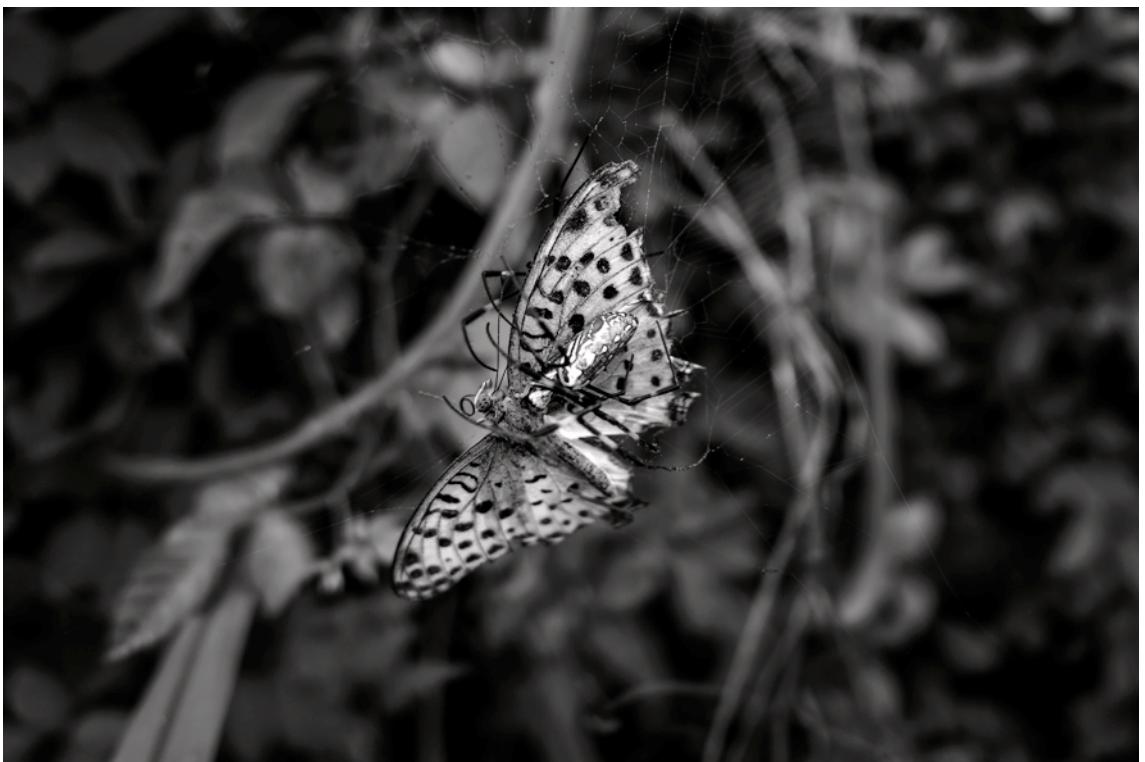
















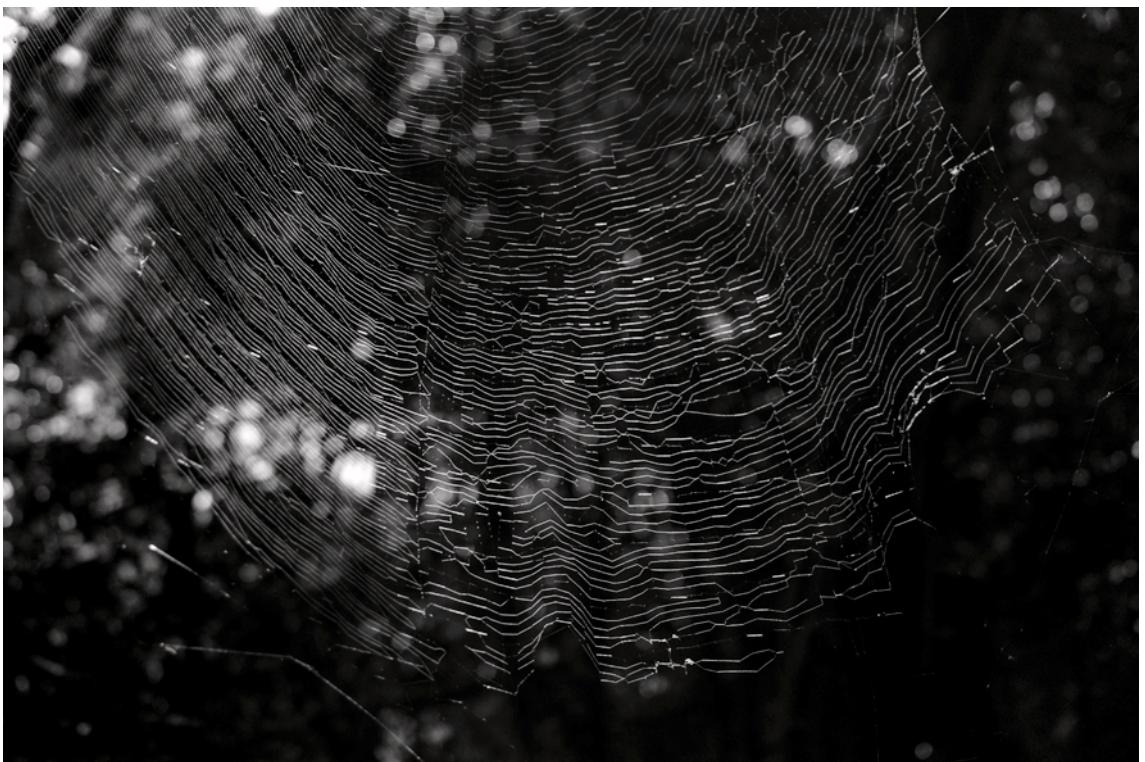
























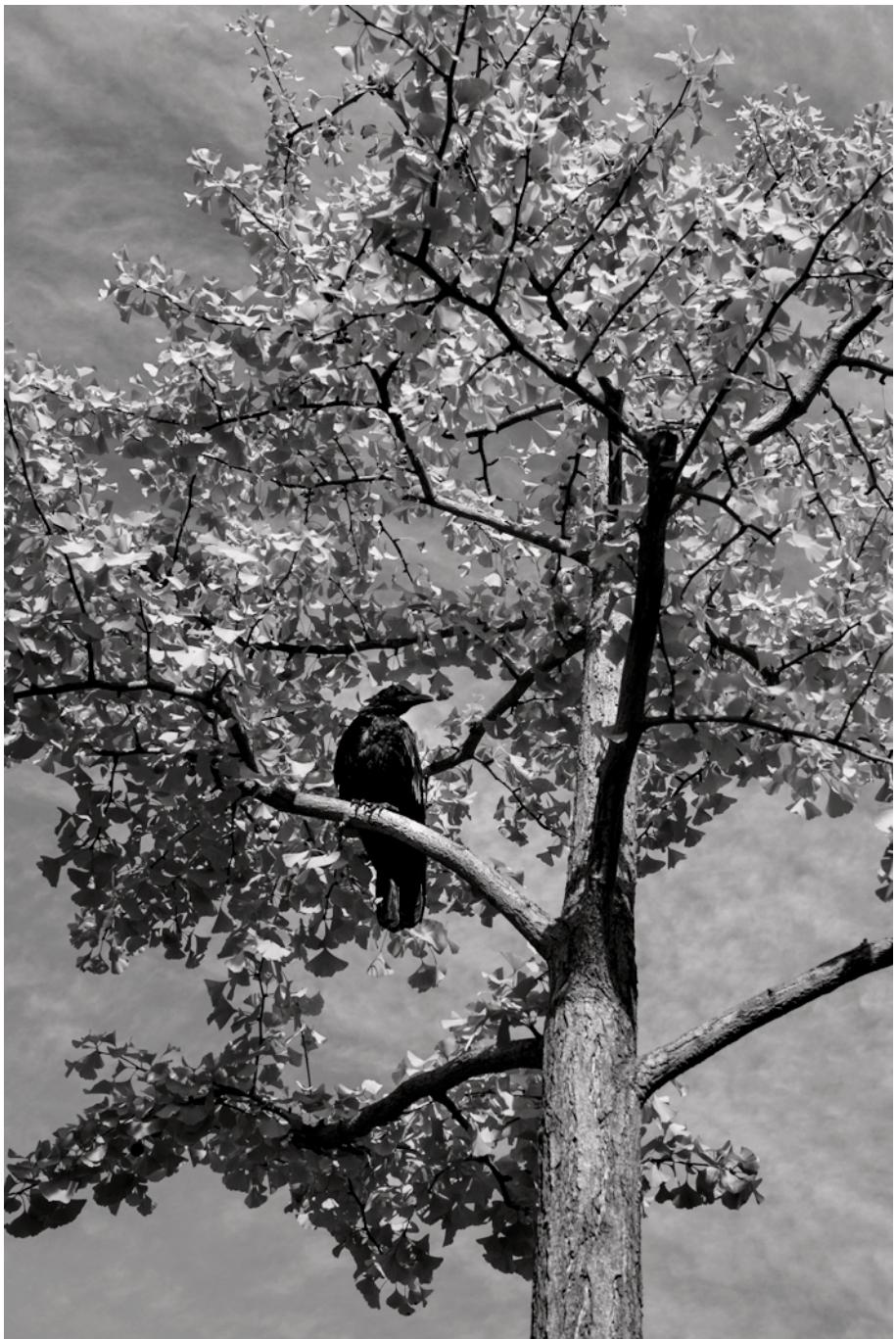




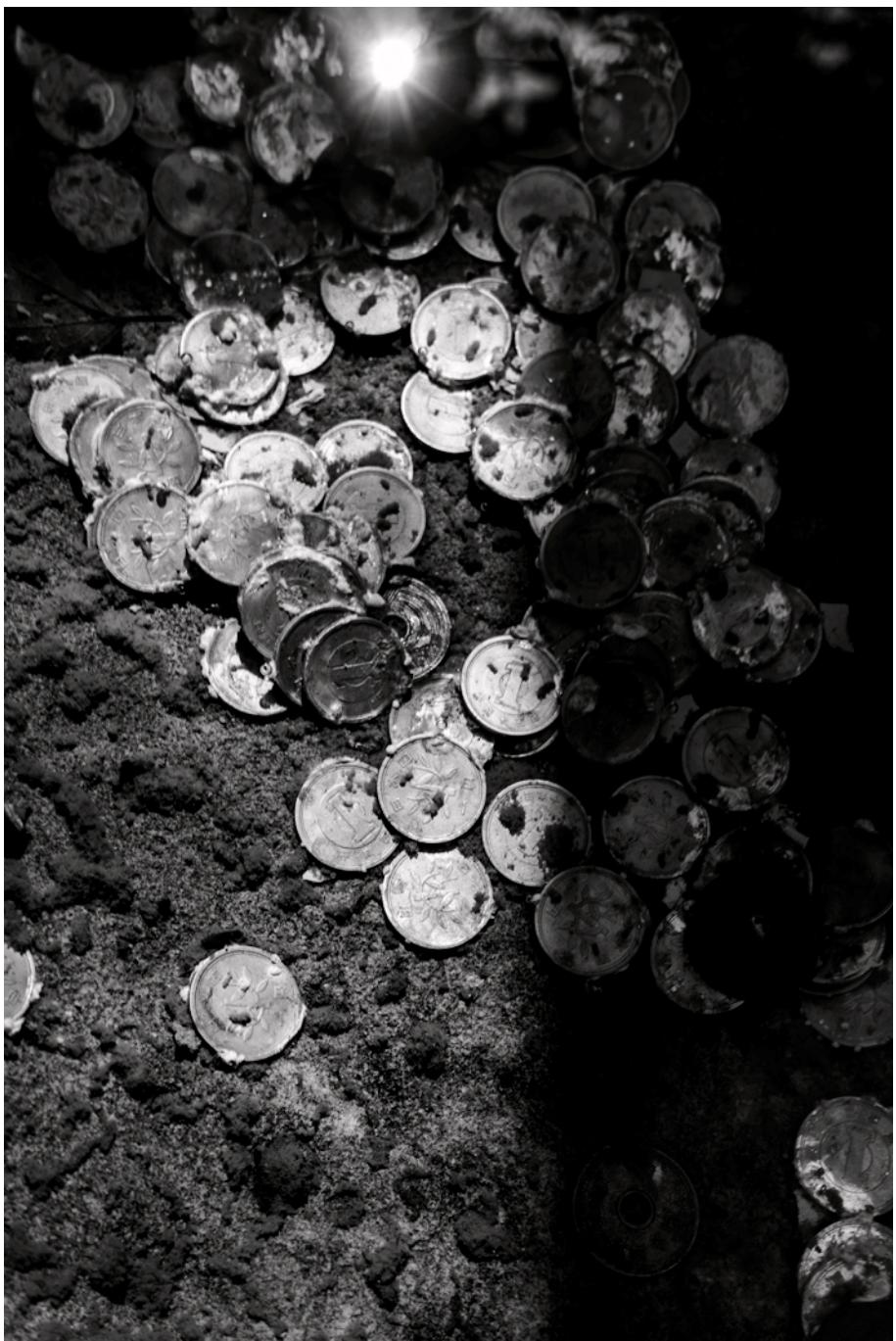


























Wenceslau de Moraes nasceu em Lisboa, em 1854. Enquanto oficial da Marinha Portuguesa, instalou-se em Macau em 1885. Casou com Atchan, uma chinesa com quem teve dois filhos. Durante os dez anos que passou em Macau, começou a escrever obras de «literatura exótica» (como ele dizia) que eram publicadas em Portugal num quadro de divulgação do Extremo Oriente. Apaixonou-se pelo Japão no decurso de viagens ocasionais a esse território. Lá se fixou em 1898, desempenhando funções de cônsul em Kobe.

Foi em Kobe que conheceu Ó-Yoné, com quem se casou em 1900 numa cerimónia xintoísta. Viveram juntos doze anos até à morte dela, ainda jovem, com uma doença de coração. Ó-Yoné foi sepultada em Tokushima, sua cidade natal, localizada a sul de Kobe, na costa leste da ilha de Shikoku. Wenceslau demitiu-se do cargo diplomático e mudou-se para Tokushima de modo a manter-se próximo da mulher que amara. Este episódio da história pessoal do autor é invocado por ele no livro *O Bon-Odori em Tokushima*:

No dia seguinte ao do seu passamento [de Ó-Yoné], o corpo foi cremado no crematório de Kobe, conforme o uso, quase geral, seguido no Japão.

As cinzas foram transportadas para Tokushima, terra natal do pobre ser desaparecido, e aqui depositadas sob a lousa de uma singela sepultura, num dos vários cemitérios da cidade.

Ora, corridos meses, achei-me um dia em Kobe completamente independente, completamente só, sem encargos nem direitos, impondo-se-me por este simples facto o dever de tomar uma resolução imediata.

Murmurei então a mim mesmo: — «Conta os cobres que tens na tua bolsa e mede em seguida os limites que podes dar aos teus caprichos, és livre, segue avante.»

[...]

— «Foge dos vivos; vai para Tokushima, para perto desse túmulo que te evoca um nome caro, que te dá vulto a uma saudade.»

[...]

— E vim para Tokushima.

Já em Tokushima, juntou-se a Ko-Haru, sobrinha de Ó-Yoné, que veio a morrer poucos anos depois, aos vinte e três anos, vítima da tuberculose.

Tanto quanto se sabe, Wenceslau não voltou a nutrir relacionamentos sérios com outras mulheres. Viveu os restantes treze anos da sua vida em Tokushima, sem ser assimilado pela comunidade local, que tendia mesmo a repudiá-lo, e enviando os seus escritos com regularidade para Portugal, onde eram editados. Em 1923, publicou *Ó-Yoné e Ko-Haru*, que reúne textos nos quais, tornando-se simultaneamente autor e personagem, reflecte sobre o logro da vida social e as virtudes de uma vida solitária, sobre a sua devoção às mulheres mortas, sobre a alma e a beleza das coisas e das criaturas não humanas.

Morreu em 1929 e foi sepultado em Tokushima. Hoje, é possível visitar os túmulos de Wenceslau de Moraes, Ó-Yoné (Senhora Bago-de-Arroz) e Ko-Haru (Pequena Primavera) num cemitério junto ao Museu Awa Odori Kaikan.

*

Há um texto de Wenceslau de Moraes em que este nos relata um sonho que teve, durante o qual conversava com a sua mulher Ó-Yoné usando o que ele descreve como «a língua dos mortos». Eu também converso com fantasmas há muitos anos. Também eu devo falar a língua dos mortos.

Em Outubro de 2023, viajei para o Japão em busca de Wenceslau — predisposto, porém, a acolher a visita de outros espectros que, familiares ou desconhecidos, me quisessem acompanhar.

Os meus destinos foram Kobe, Osaka e, fundamentalmente, Tokushima. Beneficiando da facilidade e da rapidez com que nos é possível locomover nos dias que correm, relanceei ainda outros lugares, tais como Quioto, Nara, Minami, Mugi, Tebajima, o vale de Iya, o Monte Tsurugi...

Mas não fui o primeiro a ir ao encontro de Wenceslau nestes lugares. Antes de mim, Paulo Rocha e Armando Martins Janeira já o haviam feito.

*

Paulo Rocha foi um entusiasta das coisas japonesas, e, certamente por essa razão, desenvolveu por Wenceslau de Moraes um interesse especial. Realizou dois filmes sobre o escritor. *A Ilha dos Amores*, de 1982, é um *biopic* estetizado, artificioso, inscrito numa certa tendência do cinema europeu moderno fortemente influenciada pelo teatro. É, hoje, um dos filmes de Rocha mais reconhecidos e apreciados.

Mas o filme que me apaixona é o seguinte, *A Ilha de Moraes*, de 1984.

Ao passo que *A Ilha dos Amores* é ficcional, este é documental. Nele, vemos Paulo Rocha a seguir as pegadas de Wenceslau de Moraes: primeiro, em Lisboa; depois, em Macau; a seguir, em Kobe; e por fim, em Tokushima. O primeiro filme é sobre Wenceslau de Moraes e as suas mulheres; é uma biografia, ou seja, a narrativa de uma vida. Mas o segundo filme não é apenas *sobre* o escritor português. Mais do que isso, é um filme sobre a obsessão do próprio Paulo Rocha com Wenceslau: a sua vida, a sua escrita, o seu exílio, as suas paixões, as suas mulheres.

Gosto de acreditar que, neste filme, Paulo Rocha se coloca literalmente no lugar de Wenceslau de Moraes, deixando-se assombrar ou dando corpo ao fantasma.

Armando Martins Janeira é outro português que se deixou cativar pela sombra de Moraes, seguindo-lhe o rasto. À semelhança de Wenceslau de Moraes, Janeira foi diplomata. Começou por exercer um cargo em Tóquio, entre 1952 e 1955, e voltou mais tarde, em 1964, como embaixador. Lá ficou até 1971. Escreveu várias obras sobre o Japão e deu o mais importante contributo

para que Wenceslau de Moraes não fosse esquecido, escrevendo a sua biografia, *O Jardim do Encanto Perdido: Aventura Maravilhosa de Wenceslau de Moraes no Japão*, em 1956. É também autor do singelo *Peregrino* (1962), no qual — ainda antes de Paulo Rocha — percorre os mesmos lugares que Wenceslau havia trilhado.

*

Ao longo dos anos, sublinhei os meus exemplares dos livros de Wenceslau de Moraes e transcrevi certas passagens para o lapidário da minha memória. Por vezes, altero o original no acto da transcrição, porque acredito que a melhor maneira de ser fiel à fonte é torná-la intimamente minha.

Levei algumas passagens comigo para a viagem ao Japão. Percebo agora que, ainda que Wenceslau não estivesse a pensar em fotografia quando as escreveu, elas têm muito que ver tanto com o modo como eu a penso, quanto com a forma como a integro na minha vida. Por conseguinte, têm muito que ver com aquilo que este livro é:

«Não se descreve isto; não se imagina isto; vê-se, e ainda assim mal se acredita o que se vê» (*O Bon-Odori em Tokushima*)

«O que a borboleta vê, e comenta no seu cérebrozinho minúsculo mas prodigiosamente sensitivo, vai ser o inteiro assunto da arte» (*Relance da Alma Japonesa*)

«Grande coisa é estar a gente em boas relações com os mortos e grande coisa é estar a gente em boas relações com os bichos!...» (*O Bon-Odori em Tokushima*)

«a ideia da divindade e a ideia da natureza não são diversas, completam-se, concorrem para um fim comum; no seu amoroso animismo panteísta, o nipónico vê a divindade em toda a parte, nos aspectos do universo — no sol, na lua, nas estrelas, nas montanhas, nos rios, nos bosques, nos relâmpagos, no insecto, na flor» (*Relance da Alma Japonesa*)

«O mistério da gota de água... Quem a observa de perto encontra nela um mundo inteiro» (*O Bon-Odori em Tokushima*)

«Não vos sucede, ao contemplar, ou ao palpar, os objectos que vos rodeiam, sentir, ou antes pressentir, a impressão, embora vaga, de um não sei quê que emana deles, particular a cada um, um não sei quê a que eu chamo, por não saber melhor chamar-lhe, a alma das coisas?» (*Ó-Yoné e Ko-Haru*)

«Para maior dificuldade, a linguagem humana mostra-se incompetente em traduzir o pensamento, quando invocamos os mistérios das leis da criação» (*O Bon-Odori em Tokushima*)

«[A poesia] não é nem pode ser uma descrição, é uma sugestão; não aspira ao completo acabamento de uma ideia, antes prefere limitar-se a enunciar-lhe o início, deixando o resto para ser adivinhado» (*Relance da Alma Japonesa*)

«*Honéga nakerebá isshoni naritai.*

(Se eu não tivesse ossos, queria viver no teu corpo)» (*Relance da Alma Japonesa*)

*

Nunca estive sozinho no Japão. Fiz-me acompanhar de Wenceslau de Moraes, Ó-Yoné, Ko-Haru, os seus cães e os seus gatos, também Paulo Rocha e Armando Martins Janeira, entre outros que me terão anunciado a sua presença ou não. Numa espécie de transe (um Bon Odori em pleno Outono?), como que viajando num mundo intermédio, não inteiramente real nem sobrenatural — um «reino de sombras», como chamava Górkí ao cinema —, tirámos fotografias. José Bértolo é, aqui, um nome colectivo.

*

Recordo a minha primeira manhã em Tokushima. Levantei-me ao amanhecer com o intuito de visitar o Awa Odori Kaikan, o museu dedicado

ao festival durante o qual, todos os anos, os mortos descem à terra para dançar o Bon Odori, em celebração com os vivos, nas ruas. Era muito cedo, faltavam algumas horas para a abertura do museu. Vagueei pelas ruas secundárias, então vazias. A manhã estava num preto-e-branco orvalhado. Caminhei muito, em silêncio, olhando e fotografando. A certa altura, deparei de surpresa com uma placa afixada num muro de uma rua, a indicar o princípio da MORAESU ST. Soube então que tinha ido ao encontro do lugar onde ele vivera, dormira e sonhara, escrevera os seus livros e as suas cartas, cuidara do seu jardim, brincara com os seus animais, rezara junto ao seu *butsudan*, conversara com as suas mulheres mortas.

Wenceslau de Moraes was born in Lisbon in 1854. As an officer in the Portuguese Navy, he settled in Macau in 1885. There, he married Atchan, a Chinese woman with whom he had two sons. During the ten years he spent in Macau, he began writing works of “exotic literature” (as he put it) which were published in Portugal as part of an effort to translate the cultures of the Far East. Moraes fell in love with Japan during occasional trips to the country. He settled there in 1898, serving as a consul in Kobe.

Moraes met Ó-Yoné in Kobe, and they married in 1900 in a Shinto ceremony. They lived together for twelve years until her death at a young age from heart disease. Ó-Yoné was buried in Tokushima, her hometown, located south of Kobe, on the east coast of the island of Shikoku. Moraes resigned from his diplomatic post and moved to Tokushima to remain close to the woman he loved. This episode from the author’s personal history is recounted by him in *O Bon-Odori em Tokushima* [The Bon-Odori in Tokushima]:

The day after her passing [Ó-Yoné’s], her body was cremated at the crematorium in Kobe, as is traditionally done in Japan.

The ashes were taken to Tokushima, the birthplace of that poor dead creature, and laid to rest under the slate of a simple grave in one of the city’s many cemeteries. Now, months later, I found myself one day in Kobe completely independent, completely alone, with no burdens or rights, and this simple fact meant that I had to make an immediate decision.

I then muttered to myself: — “Count the coins you have in your purse and then measure the limits to which you can extend your whims, you’re free, go ahead.”

[...]

— “Get away from the living; go to Tokushima, near that tomb that evokes a dear name, that gives shape to your longing.”

[...]

— And I came to Tokushima.

Once in Tokushima, he joined Ko-Haru, Ó-Yoné’s niece, who died only a few years later, at the age of twenty-three, from tuberculosis.

As far as we know, Moraes never had a stable relationship with another woman again. He lived the remaining thirteen years of his life in Tokushima, without being really assimilated by the local community, which was even hostile toward him, and sending his writings regularly to Portugal, where they were published in journals and magazines. In 1923, he published the book *Ó-Yoné e Ko-Haru* [Ó-Yoné and Ko-Haru], compiling a series of short (auto)fictions in which, as both author and character, he reflected on the deceitfulness of social life and the virtues of solitude, on his devotion to the two dead women, on the soul and beauty of things and non-human creatures.

He died in 1929 and was buried in Tokushima. Today, you can visit the graves of Wenceslau de Moraes, Ó-Yoné (Lady Grain-of-Rice) and Ko-Haru (Little Spring) in a cemetery next to the Awa Odori Kaikan Museum.

*

There is a text by Wenceslau de Moraes in which he tells us about a dream he had in which he communicated with his late wife, Ó-Yoné, using what he describes as “the language of the dead”. I too have been talking to ghosts for many years. I too must speak the language of the dead.

In October 2023, I traveled to Japan in search of Moraes — but I was equally open to welcome the visit of other spectres, familiar or unknown, who wished to make me company.

My destinations were Kobe, Osaka and, above all, Tokushima. Taking advantage of the ease and speed with which we can get around these days,

I also visited other places, such as Kyoto, Nara, Minami, Mugi, Tebajima, the Iya Valley, Mount Tsurugi...

But I wasn't the first to go looking for Moraes in these places. Paulo Rocha and Armando Martins Janeira had done it before.

*

Filmmaker Paulo Rocha was an enthusiast for all things Japanese and, certainly for this reason, he developed a special interest in Wenceslau de Moraes. He made two films about the writer. *A Ilha dos Amores* [Island of Loves], from 1982, is an aestheticized biopic that takes part in a certain trend of modern European cinema strongly influenced by theater. Today, it is one of Rocha's most well-renowned and beloved films.

But the film I feel most passionately about is the next one, *A Ilha de Moraes* [Moraes' Island], from 1984.

While *A Ilha dos Amores* is fictional, this one is a documentary. In it, we see Paulo Rocha following in the footsteps of Wenceslau de Moraes: first, in Lisbon; then, in Macau; then, in Kobe; and finally in Tokushima. The first film is about Wenceslau de Moraes and his wives; it is a biography, or, in other words, a life story. But the second film is not just about the Portuguese writer. More than that, it's a film about Paulo Rocha's own obsession with Wenceslau: his life, his writing, his exile, his passions, his women.

I like to believe that, in this film, Paulo Rocha puts himself literally in the place of Wenceslau de Moraes, allowing himself to be haunted, or embodying the ghost.

Armando Martins Janeira is another Portuguese bewitched by the shadow of Moraes' and willing to follow in his footsteps. Like Wenceslau de Moraes, Janeira was a diplomat. He first held a post in Tokyo between 1952 and 1955, and later returned in 1964 as an ambassador. He stayed there until 1971. Janeira penned several works about Japan and made the most important contribution to ensuring that Wenceslau de Moraes was not forgotten by writing his biography in 1956: *O Jardim do Encanto Perdido*:

Aventura Maravilhosa de Wenceslau de Moraes no Japão [The Garden of Broken Charms: The Marvelous Adventures of Wenceslau de Moraes in Japan]. He is also the author of the short book *Peregrino* [Pilgrim] (1962), in which, even before Paulo Rocha, he takes note of his own travels to the same places where Moraes had wandered.

*

Over the years, I have marked my copies of Wenceslau de Moraes' books and copied certain passages into the lapidary of my memory. Sometimes I change the original in the act of transcribing, because I believe that the best way to be faithful to the source is to make it intimately my own.

I took some of these passages with me on my trip to Japan. I now realize that, even if Wenceslau was not thinking about photography when he wrote them, they have a lot to do with both the way I think about it and the way I integrate it into my life. Therefore, they are deeply connected to what this book is:

“You can’t describe this; you can’t imagine it; you see it, and yet you hardly believe what you see” (*The Bon-Odori in Tokushima*)

“What the butterfly sees, and analyzes on in its tiny but prodigiously sensitive little brain, shall be the whole subject of art” (*A Glimpse of the Japanese Soul*)

“It’s a great thing to be on good terms with the dead, and it’s a great thing to be on good terms with animals!...” (*The Bon-Odori in Tokushima*)

“the idea of divinity and the idea of nature are not different, they complement each other, they concur towards a common end; in his loving pantheistic animism, the Japanese sees divinity everywhere, in the elements of the universe — in the sun, the moon, the stars, the mountains, the rivers, the woods, lightning and thunder, the insect, the flower” (*A Glimpse of the Japanese Soul*)

“The mystery in a drop of water... Whoever examines it closely will discover a whole world” (*The Bon-Odori in Tokushima*)

“Doesn’t it happen to you, when you contemplate or touch the objects around you, to feel, or rather to sense, the impression, however vague, of a certain something that emanates from them, particular to each one, a certain something that I call, because I don’t know how better to call it, the soul of things?” (*Ó-Yoné and Ko-Haru*)

“To make matters more difficult, human language proves incompetent at translating thought when we invoke the mysteries of the laws of creation” (*The Bon-Odori in Tokushima*)

“[Poetry] is not and cannot be a description, it is a suggestion; it does not aspire to complete and finish off an idea, but it rather prefers to limit itself to stating its beginning, leaving the rest to be guessed at” (*A Glimpse of the Japanese Soul*)

“Honéga nakerebá isshoní naritai.

(If I had no bones, I would want to live in your body)” (*A Glimpse of the Japanese Soul*)

*

I was never alone in Japan. I was accompanied by Wenceslau de Moraes, Ó-Yoné, Ko-Haru, their dogs and cats, also Paulo Rocha and Armando Martins Janeira, among others who may or may not have made themselves known to me. In a kind of trance (a Bon Odori in the middle of autumn?), as if traveling in an intermediate world, not entirely real or supernatural — some sort of “kingdom of shadows”, as Gorky called cinema — we took photographs. Here, José Bértolo is a collective name.

*

I remember my first morning in Tokushima. I got up at dawn to visit the Awa Odori Kaikan, the museum dedicated to the festival during which, every year, the dead descend to earth to dance the Bon Odori in celebration with the living in the city streets. It was very early, a few hours before the museum opening. I wandered through the empty secondary streets. The morning was dewy, black and white. I walked a long way, in silence, looking and taking pictures. At one point, I was surprised to see a sign on a street wall indicating the beginning of MORAESU ST. I knew then that I had come to the place where he had lived, slept and dreamed, written his books and letters, tended his garden, played with his pets, prayed by his butsudan, talked to his dead wives.



AGRADECIMENTOS | THE AUTHOR THANKS

Amândio Reis, António Júlio Duarte, Bento Miguilim, Clara Rowland,
Elsa Alexandrino, Margarida Medeiros, Maria da Pedra,
Miguel Fevereiro.

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto GHOST (2022.08396.PTDC).

O IELT é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito dos projetos UIDB/00657/2020 com o identificador DOI 10.54499/UIDB/00657/2020 e UIDP/00657/2020 com o identificador 10.54499/UIDP/00657/2020.



© SISTEMA SOLAR CRL (DOCUMENTA), 2024
RUA PASSOS MANUEL 67 B, 1150-258 LISBOA

© JOSÉ BÉRTOLO

ISBN: 978-989-568-143-3
1.^a EDIÇÃO, JULHO DE 2024

EDIÇÃO E SEQUÊNCIA: ANTÓNIO JÚLIO DUARTE E JOSÉ BÉRTOLO
PÓS-PRODUÇÃO DIGITAL: HELENA GONÇALVES (BLACK BOX ATELIER)
TRADUÇÕES: AMÂNDIO REIS, TAKASHI SUGIMOTO
REVISÃO: HELENA ROLDÃO

TIRAGEM: 500 EXEMPLARES
DEPÓSITO LEGAL: 000000/24
PRÉ-IMPRESSÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO: MAIADOURO SA

「説明することもできず、想像することもできず、見ることしかできぬ。しかし、それでも自身の目を疑うだろう。」(徳島の盆踊り)

「蝶が見ているもの、その天才的に敏感な小さな脳で分析しているもの、それが全ての芸術の主題である。」(日本精神)

「死者と良い関係をもつのは素晴らしい、生物と良い関係を持つのは素晴らしい！」(徳島の盆踊り)

「神性と自然の観念は異なるものではなく、互いを補い合いながら、共通の目的に向かう。愛に満ちた汎神論的アニミズムの中で、日本人は、太陽、月、星、山、川、森、稻妻、昆虫、花など、宇宙のあらゆる側面に神性を見出すのである。」(日本精神)

「一滴の水の神秘……一滴の水をよく観察する者は、その内に全世界を見出すのだ。」(徳島の盆踊り)

「あなた方が身の回りのモノについてじっくりと考えてみたり、感じてみたりするとき、何と呼べばいいのか、漠然とはしているが、それらのモノが、それぞれ特有の何かを発散している、、、モノの魂と呼ぶ以外にないようなものを感じることはないだろうか。」

(おヨネヒコハル)

「さらに困ったことに、人間の言葉は、創造の法則の神秘を呼び起すとき、思考を言葉にすることができないのである。」(徳島の盆踊り)

「(詩は) 記述ではないし、記述でありえない。詩は暗示であり、構想の完全な仕上げを目指さず、その始まりを述べるにとどめ、あとは想像に任せることを好むのである。」(日本精神)

「ホネガナケレバ イッショニナリタイ

(骨がなかつたら、あなたの体に住みたい)」(日本精神)

*

日本で一人きりになったことは一度もなかった。ヴェンセスラウ・デ・モラエス、おヨネ、コハル、彼らの犬や猫、パウロ・ローシャやアルマンド・マルティンス・ジャネイラ、その他にも、いるのかいないのかはっきりさせないものたちもいた。一種のトランス状態(秋真っ最中の盆踊り？)で、完全な現実でも超自然でもない中間世界—(ゴーリキーがシネマと呼んだような「影の王国」)を旅するようにして、— 私たちは写真を撮った。ジョゼ・ベルトロはここでは集団名なのである。

*

徳島での最初の朝を覚えている。阿波おどり会館を訪れるつもりで夜明けと共に起きた。毎年、死者が地上に降りてきて、生者たちと共に街頭で踊るお祭り、盆踊りのための博物館である。まだ朝早く、開館までは数時間あった。私は誰もいない裏通りをぶらぶらと歩くことにした。朝は露で白黒に染まっている。私は無言で長い道のりを歩き、周囲を見渡し、写真を撮った。しばらくして、街路の壁に MORAESU ST. (モラエス通り) の始まりを示す標識があるのを目にして驚いた。私はその時、彼が居を構え、眠り、夢を見、本や手紙を書き、庭の手入れをし、ベットと戯れ、仏壇のそばで祈り、死んだ妻たちに語りかけた場所に来ていることに気づいた。

ヴエンセスラウ・デ・モラエスが残した文章に、夢の中で、妻おヨネと“死者の言葉”で話したというのがある。私も長年、亡靈と話してきた。私も死者の言葉を話すのに違いない。

2023年10月、私はモラエスを探し、日本を旅した。—もちろん、旅を共にしたいと望む亡靈が現れるならば、誰でも歓迎するつもりだった。

目的地は神戸、大阪、そして何よりも徳島だった。最近は移動が簡単で速くなったことを利用して、京都、奈良、美波、牟岐、出羽島、祖谷、剣山といった他の場所も訪れた。

しかし、これらの場所にモラエスを探しに行ったのは私が初めてではない。私よりも前に、パウロ・ローシャとアルマンド・マルティンス・ジャネイラがすでにそうしていた。

*

映画監督パウロ・ローシャは日本的なものの愛好家であり、そのためにヴエンセスラウ・デ・モラエスに特別な関心を抱き、彼はこの作家についての映画を二本撮った。1982年の『恋の浮島』は、演劇の影響を強く受けた現代ヨーロッパ映画のある傾向に属す、耽美的で造形的な伝記映画である。そして今日、ローシャ作品の中で最もよく知られ、高く評価されている一本である。

しかし、私が最も情熱を注いでいるのは、1984年の次作『モラエスの島（日本未公開）』である。

『恋の浮島』がフィクションであるのに対し、この作品はドキュメンタリーであり、この映画では、ローシャがモラエスの足跡をたどる様子が描かれている。最初にリスボンで、その後マカオ、続いて神戸、そして最後に徳島。

最初の一本は、モラエスとその妻たちについての伝記、つまり彼らについての、ある人生の物語といえる。しかし二本目は、このポルトガル人文筆家についての映画というよりも、ローシャ自身のモラエスへの執着についての映画といえる。人生、文学、亡命、彼の情熱、彼の女性たち。

この映画の中で、ローシャは文字通りモラエスになりきり、亡靈に取り憑かれることを望み、体を明け渡しているのだと、そう私は思いたい。

アルマンド・マルティンス・ジャネイラもまた、モラエスの影に取り憑かれることを望み、彼の後を追ったポルトガル人である。モラエスと同様、ジャネイラも外交官だった。1952年から1955年にかけて、まず一外交官として東京に赴任し、その後1964年には大使として東京に戻り、1971年まで駐在する。日本についていくつかの著作があるが、彼が重要な貢献をはなしたのは、1956年に執筆したモラエスの伝記『失楽の庭園：ヴエンセスラウ・デ・モラエスの素晴らしき冒險日本 未邦訳』によってモラエスの名を後世に伝えたことである。彼はまた、短編『巡礼者（1962年）未邦訳』の著者でもあり、パウロ・ローシャよりも先に、モラエスが旅したのと同じ場所を旅し記録をのこしている。

*

何年もの間、私はヴエンセスラウ・デ・モラエスの著書にアンダーラインを引き、選んだ文章を書き写し、記憶の宝石箱に移してきた。その際、時には元の文章に手を加えることもあった。原典に忠実であるためには、自分のものにしてしまうのが一番だと思うからだ。

私は、これらのいくつかの文章と一緒に日本を旅した。今いえるのは、モラエスが執筆中に写真について考えていなくとも、私が写真について考え、生活に取り入れる方法と、彼のこれらの文章は深く関わりがある。つまり、この本のあり方と彼の文章は密接に関係がある：

ヴエンセスラウ・デ・モラエスは 1854 年リスボンに生まれた。ポルトガル海軍士官として 1885 年にマカオに移住。中国人の亞珍（アッチャン）と結婚し、2 人の子供をもうけた。マカオで過ごした 10 年の間に書き始めた、（彼が言うところの）「エキゾチック文学」は、極東文化の理解を促すための広報活動の一環としてポルトガルで出版された。彼は時折日本を訪れ、そのうち日本を愛するようになった。1898 年には神戸で領事を務めることになり、日本に定住した。

おヨネと出会ったのは神戸であった。1900 年には神前式で結婚し、それから彼女が心臓病で若くして亡くなるまでの 12 年間を共に過ごす。おヨネは徳島、神戸の南、四国の東海岸に位置する彼女の生まれ故郷に埋葬された。モラエスは外交官の職を辞し、愛する女性のそばにいるよう徳島に移り住んだ。作家のこの個人的なエピソードは、『徳島の盆踊り』の中で回想されている：

（おヨネの）死の翌日、彼女の遺体は日本の風習に従って、神戸の火葬場で荼毘に付された。遺灰は、この哀れな死者の故郷である徳島に運ばれたのち、市内に数多くある墓地の一つに、簡素な墓石の下に安置された。

数ヵ月後ある日の神戸で、私は完全にただの一個人であった。私にはもう何の果たすべき責任も特権もない。この単純な事実が即断を迫った。一人呟いた。「財布の小銭をかぞえろ、それから気まぐれに使えるのはいくらまでか確かめろ、お前は自由だ、さあ、好きなようにすればいい。」

（…）

— 「生あるものから逃れよ。徳島へ行くのだ。あの愛しい名の元へ、お前の思い焦がれる気持ちに形を与えてくれるあの墓のそばへ。」

（…）

— そして私は徳島にやって来た。

徳島に着くと、彼はコハル（おヨネの姪）、数年後、結核のため 23 歳で亡くなってしまう彼女と一緒にになった。

私たちが知る限り、モラエスが他の女性と真剣な関係を育むことは二度となかった。彼は残された 13 年間を徳島で、むしろ敵視してくる地元社会には同化せずに、学術誌や雑誌に掲載される文章をポルトガルに定期的に送って過ごした。1923 年に上梓された『おヨネとコハル』には、作家であると同時に登場人物でもある彼が、社会生活の欺瞞と孤独な生活の美德、亡くなった二人の女性への献身、モノや人間以外の生き物の魂と美について綴った一連の文章が収められている。

彼は 1929 年に亡くなり、徳島に埋葬された。今日では、阿波おどり会館に隣接の墓地に、ヴエンセスラウ・デ・モラエス、おヨネ（お米）、コハル（小春）の墓を訪ねることができる。

*

モラエス通り